

GRAMÁTICA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: OS DIFERENTES TIPOS DE VERBOS E SUAS REPERCUSSÕES NA SINTAXE

Ronice Muller de Quadros*¹

RESUMO: *A proposta deste trabalho será a de, inicialmente, apresentar alguns dos aspectos gramaticais da língua de sinais brasileira através de uma breve descrição da sua estrutura da frase. Essa descrição torna-se necessária aqui, uma vez que se entende ter como leitores deste artigo, lingüistas em geral, especialmente, lingüistas gerativistas que não estejam familiarizados com os estudos das línguas de sinais. Posteriormente, o foco deste trabalho deter-se-á a alguns problemas observados em relação a estruturas geradas com diferentes tipos de verbos que parecem complicar as propostas standard de organização sintática da estrutura da frase em função das características intrínsecas da modalidade visual-espacial. O objetivo será o de explorar as repercussões sintáticas dessas características assumindo que as línguas de sinais, assim como todas as línguas naturais, seguem os mesmos princípios que regem as línguas humanas podendo, portanto, utilizar-se de todo o aparato teórico e técnico da Teoria Gerativa.*

PALAVRAS-CHAVE: *língua de sinais brasileira; gramática gerativa; morfologia verbal*

* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

¹ Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela CAPES e pela University of Connecticut. As análises mais recentes estão sendo financiadas pelo CNPq. Partes deste trabalho serão incluídas no livro *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos* de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp a ser editado pela ArtMed. Porto Alegre. 2004.

A estrutura da frase na língua de sinais brasileira²

A investigação da estrutura da frase na língua de sinais brasileira tornou-se relevante, no sentido de verificar se esse tipo de língua que se apresenta em uma modalidade diferenciada, a modalidade visual-espacial, segue os mesmos princípios que regem as línguas humanas. Este estudo envolve análises da sintaxe da língua de sinais brasileira, relacionando-as com as investigações realizadas com outras línguas. Os resultados encontrados podem apresentar grande repercussão nos estudos das línguas de sinais, bem como, nos estudos das línguas faladas, pois evidencia uma organização bastante comum que ultrapassa a questão da modalidade. Os efeitos de modalidade, portanto, restringem-se às questões que estão diretamente relacionadas com as interfaces.

Sendo assim, o próprio Chomsky reconhece o estatuto das línguas de sinais:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo "articulatório" é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar

² As siglas utilizadas ao longo do texto são as seguintes: TopicP – *Topic Phrase* (Sintagma de Tópico); FP – *Focus Phrase* (Sintagma de Foco); CP – *Complementizer Phrase* (Sintagma Complementizador), IP – *Inflection Phrase* (Sintagma Flexional); AgrP – *Agreement Phrase* (Sintagma de Concordância); TP – *Temporal Phrase* (Sintagma Temporal); VP – *Verbal Phrase* (Sintagma Verbal); DP – *Determiner Phrase* (Sintagma Determinante), WH para palavras ou construções QU, ou seja, palavras ou construções contendo 'quem, o que, como, onde, por que, que, quando'; SVO – Sujeito – Verbo – Objeto. São usadas glosas em português para os exemplos da língua de sinais brasileira. As marcas não-manuais que co-ocorrem com as palavras são indicadas através de colchetes com a indicação do tipo de marca não-manual ('top' para tópico, 'neg' para negação, 'hn' para afirmativa com foco, 'wh' para interrogativas, 'asp' para aspecto, 'cl' para classificadores e índices para concordância). Também será indicado o uso de ênfase com repetição dos sinais com a marca +.

o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas. (Chomsky, 1995:434, nota de rodapé 4³).

Quadros (1999, 2000) propôs a arquitetura da estrutura da frase da língua de sinais brasileira no contexto de investigação do programa gerativista (Chomsky, 1995). As análises envolvem desde a ordem das palavras às operações sintáticas, incluindo posições A (argumentais) e A'(não-argumentais). A autora conclui que a língua de sinais brasileira é uma língua SVO. Há várias evidências que indicam isso, apesar de serem identificadas variações dessa ordem. Entre elas, apresentam-se as seguintes:

- As sentenças SVO são gramaticais sem informações adicionais:

(1) JOÃO GOSTAR MARIA

O João gosta da Maria

(2) JOÃOa [aENVIARb CARTA MARIAb]conc

O João enviou a carta para a Maria.

- OSV e SOV são ordens derivadas somente mediante alguma marca especial (presença de traços), tais como as marcações não manuais que coocorrem com as palavras:

(3) [MARIA]tópico JOÃO GOSTAR

A Maria, o João gosta.

(4) [JOÃOa]tópico [MARIAb]tópico [aENVIARb] CARTA

O João, para Maria, enviou a carta

Nos dois exemplos, houve topicalização. A topicalização é identificada através de uma marcação não-manual de elevação das sobranças podendo ser associada à elevação da cabeça sobre o escopo do elemento topicalizado. Além da topicalização, pode-se

³ Tradução feita pelas autoras Ronice Müller de Quadros e Lodenir Karnopp em *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. Editora ArtMed: São Paulo. 2004.

observar construções com outras marcas não-manuais, como àquelas associadas com construções com foco (movimento de ênfase no final da frase em concordância com o tipo de construção: afirmativa, negativa, interrogativa), com interrogativas (elevação da cabeça com franzimento da testa para construções WH, rebaixamento da cabeça com elevação das sobrancelhas para interrogativas SIM/NÃO, entre outras) e com negativas (rebaixamento dos lábios podendo ser associado com o movimento negativo da cabeça)⁴.

Como Fischer (1973) observou na língua de sinais americana, parece que tais ordenações fazem uso mais irrestrito do espaço (no caso das estruturas que marcam concordância com utilização de pontos no espaço) ou de alguns outros mecanismos de ordem não-manual (incluindo expressões faciais e uso do corpo)⁵.

⁴ Há uma análise em andamento de Lillo-Martin e Sander a respeito da relação de marcações não-manuais associadas às diferentes construções de diferentes línguas de sinais como possíveis manifestações do campo da prosódia. Vale destacar que desde Liddell (1980) dá-se um tratamento gramatical a tais manifestações na língua de sinais americana (como algo “colado” às estruturas gramaticais da língua de sinais americana). Para os fins propostos neste trabalho, as marcações não-manuais servem de pistas para os diferentes tipos de construções analisados neste artigo. Percebe-se diferença entre elementos não-manuais obrigatórios e opcionais. No primeiro caso, não há dúvidas em relação às construções com tópico, interrogativas, com concordância e negativas.

⁵ Quadros (1995, 1997) apresenta uma análise da utilização do espaço na língua de sinais brasileira. Este uso do espaço é bastante comum nas línguas de sinais em geral e inclui o estabelecimento de pontos (*locus*) à frente do sinalizante que representam os referentes utilizados no discurso. Tanto os sinais como a concordância verbal utilizam estes pontos para referir e retomar os referentes introduzidos no discurso. Vale destacar a possibilidade de utilizar o corpo para indicar referentes no espaço. Na literatura das línguas de sinais, este uso é referido como *role play*. O sinalizante toma os pontos estabelecidos no espaço alternativamente para “atuar” como o referente transformando o texto em discurso direto. Alguns verbos utilizam estes pontos no espaço para marcar a relação entre o sujeito e o verbo através da direcionalidade. Isso é referido neste artigo como marcação de concordância. Na língua de sinais brasileira, assim como observado em outras línguas, há verbos que utilizam este pontos no espaço classificados como verbos com concordância e há verbos que não utilizam tais pontos sendo classificados como sem concordância. Na segunda parte do presente trabalho, será apresentada uma descrição desses verbos. Há vários estudos analisando a utilização de pontos no discurso, entre eles, vale destacar Klima e Bellugi (1979) para uma análise clássica do uso do espaço gramatical na língua de sinais americana e Liddell (1995) que apresenta uma análise detalhada e alternativa.

A extração de um objeto oracional para uma posição mais alta entre o sujeito e o verbo principal não é permitida:

(5) JOÃO PENSA [MARIA INTELIGENTE]

(6) * JOÃO [MARIA INTELIGENTE] PENSA

O João pensa que a Maria é inteligente.

Este teste foi aplicado por Fischer (1973, 1975) na língua de sinais americana verificando que nesta língua não era possível a extração de objetos oracionais para uma posição mais alta em estruturas complexas como acontece com estruturas simples em alguns contextos específicos.

- Advérbios temporais e de freqüência não podem interromper o constituinte VP que inclui o verbo e o objeto [VP[V NP]] na língua de sinais brasileira⁶. Tais advérbios podem ser focalizados apresentando uma cópia em posição final:

(7) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO

(8) *JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO

(9) ONTEM JOÃO COMPRAR CARRO [ONTEM]hn

Ontem o João comprou um carro.

⁶ Note que ainda um exemplo relevante para a ordem SVO na língua de sinais brasileira está associada à exemplos com advérbios com estruturas que não podem ser geradas como *'JOÃO SEMPRE CARRO NOVO COMPRAR' ou *'ONTEM JOÃO CARRO NOVO COMPRAR'. Vale destacar que o verbo COMPRAR na língua de sinais brasileira pode ser considerado como um verbo com concordância. Se este for o caso, os exemplos mencionados passam a ser gramaticais, sendo que no primeiro exemplo haveria a associação com aspecto: 'JOÃO_a SEMPRE CARRO_b NOVO [aCOMPRAR_b+]asp' e 'ONTEM JOÃO_a CARRO_b NOVO aCOMPRAR_b'. Neste último exemplo ainda, é possível ter uma interrupção depois do advérbio, depois de JOÃO e depois de CARRO NOVO gerando esta sentença (do tipo mencionado por Carol Padden (1990) como introduções independentes de referentes com clíticos ou, segundo Lillo-Martin (1986), com a realização de um verbo com concordância em uma sentença independente com os pronomes nulos). Provavelmente, tais estruturas sejam licenciadas em função da interação com a concordância marcada no verbo e a marcação de aspecto. Considerando a interação dos advérbios com tais estruturas, apresenta-se mais um possível argumento para a ordenação SVO como sendo a ordenação básica da qual geram-se as demais derivações.

- Modais parecem ocupar a posição entre IP(ou AgrP) e VP; e as restrições observadas são similares àquelas observadas com advérbios: (i) os modais não aparecem dentro da unidade VP; (ii) os modais podem ser focalizados apresentando-se duplicado na posição final da derivação; e (iii) como consequência de (ii), a matriz dos modais pode ser nula (para OSV e SOV: OS(M)VM, S(M)OVM; para SVO: S(M)VOM):

(10) JOÃO PODER COMPRAR CARRO

(11) *JOÃO COMPRAR PODER CARRO

(12) JOÃO PODER COMPRAR CARRO [PODER]hn

(13) JOÃO COMPRAR CARRO [PODER]hn

A seguir apresentam-se alguns exemplos que indicam a disposição das categorias funcionais representadas na estrutura da frase da língua de sinais brasileira.

Construções interrogativas:

- O elemento-wh pode manter-se *in situ* ou ser movido para a posição de Spec de CP. Quadros (1999) conclui que a direção do movimento-wh é para a esquerda e que a marcação não-manual associada às derivações interrogativas se espalha obrigatoriamente sobre o domínio de c-comando de CP:

(14) [QUEM JOÃO GOSTAR]wh

(15) [JOÃO GOSTAR QUEM]wh

A marcação não-manual interrogativa WH envolve a elevação da cabeça com um movimento curto intermitente para cima e para baixo, com o franzimento da testa. Essa marcação manual está sempre associada com as construções interrogativas WH típicas, isto é, sentenças do tipo apresentado em (14) e em (15) e também em construções duplas (tratadas a seguir como construções com foco).

Construções com foco:

- FP envolve construções duplas com núcleos da sentença:

- (16) JOÃO PODER COMPRAR CARRO [PODER]foco
(17) JOÃO COMPRAR CARRO [COMPRAR]foco
(18) [QUEM JOÃO GOSTAR [QUEM]]wh

Quanto à posição de FP, Quadros (2000) sugere estar situada acima de IP. FP é projetada quando um elemento da sentença é enfatizado sendo associado ao traço [+foco] e quando não for uma interrogativa com foco. Assim, após o elemento focalizado ser movido para a checagem do traço de F, IP (ou AgrSP) (que contém o elemento focalizado) move-se para o Spec de FP. Como observado através dos exemplos, o elemento focalizado pode ser realizado foneticamente ou não. Interessantemente, observou-se que a marcação não-manual associada ao foco no final da sentença se espalha sobre o traço IP, uma vez que, embora vazio, a marcação não-manual é preservada. Quando se apresenta um elemento WH focado, propõe-se que o próprio CP tenha um traço de foco, pois não foram encontrados exemplos nesta língua em que outro componente seja focado quando há presença de estrutura WH. Portanto, a construção dupla associada à CP parece ser inerentemente focada, excluindo a possibilidade de outro elemento da sentença ser focado. Neste caso, a duplicação de WH pode ser a realização da cópia do movimento (no sentido de Nunes, 1999; Nunes & Quadros, *in progress*).

Construções com tópico:

- As construções com tópico são muito comuns na língua de sinais brasileira com o deslocamento do objeto para a posição inicial e/ou a topicalização do sujeito. A marcação não manual de tópico é associada somente com o elemento topicalizado (caráter particular das adjunções):

- (19) [_{CP} CARRO]tópico [_{CP} QUEM COMPROU]wh

Quando as construções de TopicP e de CP co-ocorrem, o tópicos está necessariamente fora do escopo de CP, uma vez que a marcação não manual associada com o CP não se espalha sobre o tópico.

Tópico é adjunto à CP com uma marcação não manual independente que co-ocorre somente com o elemento topicalizado.

Considerando essas construções, podem-se explicar as variações encontradas na língua de sinais brasileira relativas à ordem SVO. Por exemplo, FP como uma categoria independente acima de IP, explica as construções SOV com verbos sem concordância. Esta derivação é originalmente SVO com o apagamento do verbo em IP, ou seja, S(V)OV. No caso de SOV com verbos com concordância a operação pode ser outra: o verbo move-se para AgrO licenciando o movimento do objeto para o Spec de AgrOP. Algumas derivações OSV podem ser geradas por estarem associadas com tópicos (TopicP)⁷.

Percebe-se que o comportamento dos verbos parece também autorizar alguns tipos de construções e não outras dependendo de sua tipologia (verbos com e sem concordância). Assim, a próxima parte deste trabalho será analisar a tipologia dos verbos da língua de sinais e considerar suas possíveis implicações na sintaxe. Essa análise parte da descrição da estrutura da frase da língua de sinais brasileira apresentada até aqui. Primeiramente, será apresentada uma breve descrição da tipologia dos verbos da língua de sinais brasileira. Posteriormente, será realizada uma análise da concordância na língua de sinais brasileira e demais línguas de sinais, uma vez que há propostas que colocam em cheque a existência da concordância nestas línguas. Serão apresentadas várias evidências de ordem lingüística e psicolingüística sobre o reconhecimento da concordância gramatical nas línguas de sinais.

Uma breve tipologia dos verbos nas línguas de sinais

Antes de considerar o comportamento dos verbos na língua de sinais e suas implicações na sintaxe, faz-se necessária uma bre-

⁷ Vale destacar que tais análises merecem ser revistas considerando o fato de serem iniciais. A língua de sinais brasileira passou a ser investigada no âmbito da Teoria Gerativa a partir de Quadros (1995, 1999); portanto, há muito a ser investigado.

ve discussão sobre os diferentes tipos de verbos encontrados na língua de sinais brasileira. Quadros (1999) simplificou a classificação dos verbos na língua de sinais brasileira em verbos com e sem concordância verbal (*non-plain* e *plain verbs*). Essa opção justificase, pois acomoda em duas classes verbais todas as formas verbais encontradas na língua de sinais brasileira devidamente explicadas através das propostas de Lasnik (1995) e Bobaljik (1995) que também desenvolvem análises com duas possibilidades, posteriormente apresentadas em mais detalhes. No entanto, há outras manifestações que compreendem expressões verbais que poderiam complicar a análise. Por exemplo, os verbos chamados de 'verbos manuais' (*handling verbs*) e os próprios classificadores. Assim, será apresentada a seguir uma breve descrição da tipologia dos verbos investigada em diferentes línguas de sinais.

Os verbos sem concordância

São verbos que não se flexionam em pessoa e número e não tomam afixos locativos, mas se flexionam em aspecto. Exemplos dessa categoria na língua de sinais brasileira são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR.

Os verbos com concordância

São verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto. Tais verbos estabelecem uma trajetória no espaço partindo de um ponto em direção a outro ponto, estabelecidos no espaço (normalmente, sujeito e objeto da sentença, respectivamente). Exemplos dessa categoria na língua de sinais brasileira são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR. Quadros (1999) incluiu os verbos "especiais" nesta classificação. Tais verbos possuem afixos locativos, como por exemplo, VIAJAR, IR e CHEGAR. Vale destacar que muitos autores (por exemplo, Padden, 1988) fazem a distinção entre os verbos com concordância e os verbos locativos. Quadros optou por incluí-los nesta categoria, uma vez que, sintaticamente, tais verbos parecem apresentar o mesmo com-

portamento, ou seja, têm traços a serem checados gerando o desdobramento de IP em Agr e TP.

Vale mencionar que alguns verbos podem ser classificados como sem concordância ou com concordância. São verbos que são classificados como sem concordância, mas que podem ser sinalizados em um determinado ponto incorporando o referente. Lillo-Martin e Quadros (em elaboração) verificaram que tais verbos apresentam o mesmo comportamento sintático de verbos com concordância quando se comportam incorporando o ponto no espaço. O teste para tal constatação relaciona-se com a distribuição da negação conforme será apresentado em detalhes posteriormente. Os verbos sem concordância não admitem a negação antes do verbo, ao contrário dos verbos com concordância na língua de sinais brasileira.

(20) TU [aCOMPRARb], DEPOIS [bTRAZERc]

Tu compras (as coisas) e depois trazes (para mim)

(21) TU NÃO [aCOMPRARb].

(22) *TU NÃO COMPRAR

Aspecto pode ser marcado tanto em verbos com ou sem concordância. Isso indica Aspecto ser uma categoria funcional independente. Os verbos associados com aspecto na língua de sinais brasileira aparecem em posição final:

(23) JOÃO CARTA [ESCREVER+]aspecto

(24) *JOÃO [ESCREVER+]aspecto CARTA

João escreve muitas cartas.

Ainda dentro da classificação de verbos com concordância, Quadros (1999) incluiu os verbos que podem ser chamados de 'verbos na contra-mão' (*backward verbs*). Tais verbos iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem-na na posição de sujeito, ao contrário dos demais verbos com concordância que iniciam sua trajetória na posição do sujeito em direção à posição do objeto. Na

língua de sinais brasileira há verbos que ilustram este tipo de verbo: PEGAR, BUSCAR, CHAMAR⁸.

Os verbos “manuais” (handling verbs)

Os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão. Tais verbos são usados nas seguintes sentenças:

(25) [JOÃO]tópico [PAREDE]tópico [PINTAR-ROLO]
João pinta a parede com o rolo.

(26) [JOÃO]tópico [PAPEL]tópico [PINTAR-PINCEL]
João pinta o papel com o pincel.

(27) [JOÃO]tópico [DESENHO]tópico [PINTAR-LÁPIS]
João pinta o desenho com o lápis.

Assim como observado com os verbos associados com aspecto, os verbos manuais finalizam a sentença. Primeiro situa-se sobre o que está se falando e assim defini-se que tipo de verbo manual será usado assim como nas construções tópico-comentário.

A classe dos verbos manuais poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois também incorporam o objeto quando este é o caso. Além dessas informações, os classificadores podem incorporar número e grau. Liddell (1980) refere este tipo de exemplo na língua de sinais americana como ‘predicados complexos’. Segue abaixo alguns exemplos na língua de sinais brasileira:

(28) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-
POSTE+|cl]
O João estava de carro e bateu no poste detonando completamente o veículo.

(29) [JOÃOa]tópico [CARROb]tópico [CL(carro)-BATER-
POSTE - |cl]

⁸ Irit Meir (1998) apresenta um tratamento destes tipos de verbos na língua de sinais israelense através de uma análise sintática e semântica.

O João estava de carro e deu uma batidinha no poste.

(30) [JOÃO_{Oa}] [MARIAb] [CL(pessoa)-CRUZAR-UMa-PELO-OUTRO_b]

O João cruzou pela Maria.

(31) [CENTRO]tópico [PESSOASa] [CL(pessoas)-CRUZANDO-ENTRE-SI_b]

No centro, várias pessoas cruzam entre si.

Assim como mencionado por Lillo-Martin (2002), esse tipo de construção parece romper com todas as regras na língua de sinais em todos os níveis de análise (sintático, morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum considerando as análises clássicas de um item lexical.

Liddell (1980) apresenta exemplos da língua de sinais americana assumindo que há algum tipo de iconicidade associado que justificaria algumas construções com mudança da ordem *standard* dessa língua que também é SVO. Liddell propõe que a informação sobre a relação entre a atividade e o objeto envolvido é claramente expressada de forma espacial num sentido pictórico. Um exemplo seria (32) na língua de sinais americana análogo a (33) na língua de sinais brasileira:

(32) WOMAN PIE PUT-IN-OVEN (Liddell, 1980:89-91)

(33) MULHER TORTA COLOCAR-NO-FORNO

A Mulher colocou a torta no forno.)

Liddell também observou que há possibilidade de estruturas OSV serem geradas na língua de sinais americana sem marca de tópico em exemplos em que há um predicado complexo (mencionados como classificadores anteriormente). Tais predicados são considerados complexos porque, através de um único sinal, o sinalizador expressa um locativo e um nome. A seguir apresentam-se dois exemplos considerados relevantes que se apresentam tanto na língua de sinais americana (34 e 36) como na língua de sinais brasileira (35 e 37):

(34) BALL JOHN SWING-A-BAT (Liddell, 1980:91-100)

(35) BOLA JONH BATEU-COM-UM-TACO

John bateu na bola com um taco.

(36) FENCE CAT SLEEP (Liddell, 1980:91-100)

(37) CERCA GATO DORMIR

O gato dormiu na cerca sentado.

Todos estes exemplos ilustram os verbos “manuais” tanto na língua de sinais americana como na língua de sinais brasileira. São os verbos chamados de ‘*handling verbs*’ por alguns autores quando incluem um instrumento e/ou ‘predicados complexos’ por outros autores.

Observem que tais verbos apresentam um comportamento sintático comum, aparecem na posição final da sentença. Assim, provavelmente tais verbos tenham outros traços associados a diferentes categorias que extrapolam IP (ou AgrP e TP). Em relação à classificação de verbos com e sem concordância apresenta-se a seguinte questão: será que há mesmo concordância gramatical nas línguas de sinais?

O comportamento dos verbos e a questão da concordância

Concordância é um fenômeno lingüístico no qual a presença de um elemento em uma sentença requer uma forma particular de outro elemento que é gramaticalmente ligado ao primeiro elemento. Em muitas línguas, a forma particular do segundo elemento, normalmente um verbo, depende de traços-phi do primeiro elemento, tipicamente o sujeito da sentença. Uma característica comum entre as línguas com concordância marcada é que todas apresentam concordância com o sujeito. Em alguns casos, há marcação de concordância com o objeto. No entanto, nas línguas de sinais, com verbos que marcam concordância, essa é obrigatória com o objeto, podendo ou não ser realizada com o sujeito. Classicamente, enten-

de-se concordância verbal nas línguas de sinais como a relação que se estabelece entre um determinado ponto em direção a outro ponto previamente estabelecidos no espaço. Tais pontos, também chamados de *locus*, referem o sujeito e o objeto da sentença. Assim, o verbo utiliza o espaço estabelecendo uma trajetória entre o sujeito e o objeto envolvendo as relações argumentais presentes no discurso, conforme já mencionado anteriormente com os verbos que marcam a concordância (*non-plain verbs*, verbos com concordância).

Uma das grandes questões em relação às línguas de sinais é a seguinte: a marcação classicamente denominada concordância é de fato concordância? Tem-se assumido que a concordância nas línguas de sinais é marcada abertamente em verbos do tipo DAR, PERGUNTAR, AJUDAR em diferentes línguas de sinais (entre elas, língua de sinais alemã, língua de sinais americana, língua de sinais holandesa, língua de sinais australiana, língua de sinais brasileira (Suppala, 1986; Mathur e Rathmann, 2001; Mathur, 2000; Quadros, 1999)).

Ao longo das investigações das línguas de sinais, há uma certa evolução nas análises destes verbos. Entre as diferentes propostas, Klima e Bellugi (1979) analisam a direção do verbo que acontece de acordo com o *locus* em um plano horizontal como sendo um processo flexional que reflete a referência indexical. Nesse caso, a direcionalidade incorporada ao verbo estaria assumindo a função flexional. Meier (1980; 1990) analisa essa direcionalidade, tratada por Klima e Bellugi, como morfemas dentro do verbo que corresponderiam ao objeto (e ao sujeito) ocorrendo simultaneamente com o verbo. Liddell e Johnson (1989) e Sandler (1989) desenvolvem modelos que não são apenas simultâneos, mas apresentam uma seqüência estrutural como, por exemplo, um sinal que pode ter duas configurações de mão ou locações em uma seqüência. Esta proposta tornou possível uma análise do morfema de concordância consistindo de traços de locação como afixo independente que é unido ao verbo não especificado para a locação. Lillo-Martin e Klima

(1990), Bahan (1996) e Meir (1998) assumem que o *locus* é representado como uma variável no sistema lingüístico determinado pelo discurso. Para esses autores, não há necessidade de marcar o *locus* abertamente no nível da sintaxe, uma vez que os índices são suficientes para garantir a referência.

Por uma análise alternativa, Liddell (1990, 1995) sugere que os pontos no espaço devem ser descritos como entidades mentais (pictóricas). Segundo sua análise, tais entidades não podem fazer parte do sistema lingüístico, pois envolvem espaços reais contendo uma representação mental do objeto/referência em si. Assim, não há necessidade de definir o *locus* fonológica e morfologicamente. A versão de Liddell tende a analisar tais construções como expressões de ordem não sintática. Esse viés é retomado nas suas análises mais atuais excluindo por completo uma análise de ordem sintática nos termos analisados até então considerando a teoria lingüística e os estudos das línguas em geral. Sua versão, na verdade, resulta de uma atenção especial às diferenças, uma vez que assim poder-se-ia estar adentrando nos limites da teoria lingüística (Liddell, 2002). Liddell (1990, 1995) considera que os pontos estabelecidos no espaço que são incorporados pelos verbos, no que vem se chamando de concordância, não podem ser analisados morfologicamente, uma vez que tais pontos são indeterminados. A partir de suas análises, ele conclui que não há concordância verbal na língua de sinais americana. Para o autor, o que acontece é uma indicação de natureza gestual combinada com elementos de ordem lingüística dos sinais.

Rathmann e Mathur (2002) analisam a proposta de Liddell e mostram que o problema da concordância se apresenta considerando os níveis de variação fonética dos *locus* em línguas de sinais que podem ser de ordem formal e de determinação de fronteiras. No primeiro caso, se se estabelecesse um ponto no espaço para JOÃO no lado esquerdo, tenta-se voltar ao mesmo ponto ao referir JOÃO durante o discurso. No segundo caso, um ponto diferente do

ponto estabelecido para JOÃO pode ter um significado diferente. Uma vez que há correspondência entre o ponto e o referente, cada *locus* deve ser listado no léxico. Portanto, o critério do léxico que determina listabilidade não é observado. Assim, o problema de infinitude está relacionado com a listabilidade⁹.

Mesmo assim, vários pesquisadores assumem a concordância como sendo separada da entrada lexical do verbo e como sendo de natureza lingüística em oposição a proposta alternativa de Liddell (1995, 2002). A seguir, serão apresentados vários argumentos que evidenciam as propriedades lingüísticas da concordância verbal nas línguas de sinais e a proposta de Rathmann e Mathur para a questão da listabilidade (Rathmann e Mathur, 2002; Lillo-Martin e Klima, 1990; Meier, 1990; Lillo-Martin, 2002; Quadros, 1999).

A concordância nas línguas de sinais como elemento gramatical justifica-se a partir de vários aspectos gramaticais. Entre eles, os pesquisadores mencionam os seguintes fatos lingüísticos:

- a existência de uma assimetria verbal entre os diferentes tipos de verbos encontrados nas línguas de sinais;
- as formas para primeira pessoa e não-primeira pessoa serem diferentes;
- a presença de marcação de número nos verbos apresentarem múltiplas formas em diferentes línguas de sinais;
- a existência de auxiliar em algumas línguas de sinais que expressam a relação sujeito-verbo-objeto nas construções com verbos que não marcam concordância;
- a associação da concordância verbal na língua de sinais a diferentes tipos de verbos em relação às propriedades semânticas de seus argumentos (seleção de argumentos animados e inanimados);

⁹ Apesar dos *locus* de não-primeiras pessoas fazerem parte de um conjunto que apresenta "ligação" dentro do discurso conforme analisado por Meier (1990), ainda assim a questão da listabilidade apresenta-se como sendo problemática.

- a evidência da existência do estágio de infinitivos opcionais no processo de aquisição das crianças com sentenças contendo verbos sem concordância em oposição às sentenças contendo verbos com concordância.

Cada um desses fatos será abordado em mais detalhes a seguir. O primeiro refere à existência de uma assimetria entre diferentes tipos de verbos nas línguas de sinais. Apesar de a língua de sinais brasileira ser uma língua de núcleo inicial, ao longo das análises, Quadros (1999) observou a existência dessa assimetria entre duas classes verbais que apresentam repercussão na estrutura dessa língua. Essa assimetria é observada entre verbos com e sem concordância (*non-plain* e *plain verbs*). Entre os fatos que identificam essa assimetria, citam-se os seguintes:

- As sentenças com verbos que apresentam concordância (por exemplo, ENVIAR) parecem apresentar mais flexibilidade na ordem do que aquelas contendo verbos sem concordância (como GOSTAR, por exemplo):

(38) [JOÃO_a] [MARIAb] aENVIAR_b CARTA

O João à Maria enviou a carta.

(39) *[JOÃO_a] [MARIAb] GOSTAR

O João da Maria gosta.

- As marcas não-manuais parecem ser obrigatórias com os verbos que apresentam concordância e opcionais com os verbos que não apresentam concordância:

(40) *JOÃO aENVIAR_b CARTA MARIA.

(41) JOÃO [aENVIAR_b CARTA MARIA]_{conc}

(42) JOÃO GOSTAR MARIA

(43) JOÃO GOSTAR [MARIA]_{conc}

- Os argumentos nulos com verbos com concordância são instâncias de uma língua *pro-drop*, enquanto, não o são com verbos sem concordância (mais detalhes ver em Quadros, 1995):

